
Por uma etnocaminhada em criação: modos de compor outras grafias festivas espetaculares.

For an ethnohiking in creation: modes of compose other spectacular festive graphies.

Danielle de Jesus de Souza Fonsêca



Edição electrónica

URL: <https://journals.openedition.org/pontourbe/10585>

DOI: 10.4000/pontourbe.10585

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Refêrencia eletrónica

Danielle de Jesus de Souza Fonsêca, «Por uma etnocaminhada em criação: modos de compor outras grafias festivas espetaculares.», *Ponto Urbe* [Online], 28 | 2021, posto online no dia 27 julho 2021, consultado o 31 julho 2021. URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/10585> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/pontourbe.10585>

Este documento foi criado de forma automática no dia 31 julho 2021.



This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.

Por uma etnocaminhada em criação: modos de compor outras grafias festivas espetaculares.

For an ethnohiking in creation: modes of compose other spectacular festive graphies.

Danielle de Jesus de Souza Fonsêca

NOTA DO EDITOR

Versão original recebida em / Original Version 01/05/2020

Aceitação / Accepted 22/03/2021

Introdução

- 1 Este artigo incursiona a respeito do corpo brincante e das possibilidades de existência experimentadas no decorrer da festa de São Marçal, em São Luís, capital maranhense. A festa também é conhecida como Encontro de Bois e acontece anualmente no dia 30 de junho, no bairro do João Paulo. A festa, que reúne os Bois do sotaque de Matraca, acontece em formato de cortejo, onde os brincantes caminham pela principal avenida do bairro¹. Como festa pública, com mais de 90 anos de existência, a ocupação na avenida implode acessos de vivenciar a experiência urbana de outras maneiras.
- 2 O deslocamento festivo, apesar de possuir um trajeto retilíneo, característico da configuração espacial do bairro João Paulo, apresenta muitas curvas e encruzilhadas inventivas, poéticas, espetaculares e imagéticas que serão ressaltadas neste artigo. Festividade que junta, ao longo de mais 15 horas de duração, em média 25 grupos de bumba meu boi e aproximadamente 200 mil pessoas, que caminham em vários sentidos, fluxos e refluxos, passos densos, tensos. Paradas e estados de praticar outras

movimentações. São essas e demais caminhâncias que busco compreender os modos de existência inventivos na festa.

- 3 Falar em existência sinaliza para uma compreensão de presença muito particular, que pode ser entendida como somas, ruídos ou costuras de múltiplos e dissonantes corpos, entrelaçados nas tessituras urbanas. Impulsionada por esta ideia, me proponho a pensar no modo de operacionalização do espaço público a partir de suas fricções e deslizamentos, sobretudo pelo interesse nas pequenas narrativas que são inventadas e da forma como a experiência festiva, em São Marçal, é uma forma potente e necessária de ocupação do espaço público.
- 4 A discussão objetiva compreender como a caminhada reinventa modos de produzir existências, sobretudo como os corpos experimentam a cidade e atravessam as camadas densas e tensas, tornando a paisagem festiva um espaço de trocas afetivas, criação nômade e geração de outros mundos possíveis.
- 5 Por fim, acrescento que a escrita deste artigo é compreendida como exercício de reflexividade e registro de meu processo investigativo. Os movimentos das ideias aqui apresentadas acabam por gerar um desenho inacabado da pesquisa. Destaco que sua escritura se faz no movimento, nas deambulações e desnudamentos que a pesquisa solicita, e não são achados e tampouco estão prontos, pois são estados de provocação contínuos e desejantes a serem encontrados ou inventados.

Contaminações Epistêmicas: grafias de uma etnocaminhada em criação.

- 6 A etnocaminhada, noção criada na pesquisa de doutoramento, se instaura como experiência de construir outras caminhadas, abrindo espaços para desorientar percursos. Em outras palavras, propor um descaminhar por múltiplos caminhos, idas e vindas como ação cuidadosa e epistêmica. Por uma poética do desaprender voltada para o parar, andar, beber, dançar e outras movimentações como acessos que capturam a intensidade do chão poroso e do que emerge deste contato festivo.
- 7 O descaminhar, aqui, significa se lançar em outras orientações, seguindo rumos inicialmente desconhecidos, sem perder a curiosidade em mantê-los como uma paisagem. Ou melhor, é quando a caminhada se descola de si e faz um andar sem centro, arrodando a borda como movimento contra-hegemônico com seus incontáveis passos, transborda. Converte a reta em curva. Desenrola e gira na encruzilhada, faz riscados. Deste modo, descaminhar é convocar a caminhada a habitar o próprio movimento, desenhando a grafia da pesquisa a partir da imagem de uma força motriz que, pulverizando a potência, deixa marcas ativas nos corpos, diminuindo a desertificação da experiência.
- 8 Para trilhar essa proposta, convoco a etnocenologia, como área das etnociências, que se dedica a compreender as Práticas e Comportamentos Humanos Espectaculares e Organizados (PCHEO). Campo de saber que respeita as especificidades existentes dentro do contexto artístico e expressivo existentes nos fenômenos culturais.
- 9 A proposição conceitual que culminou na criação da etnocenologia surgiu em 1995, na França, com um grupo de pesquisadores que estudava as manifestações espetaculares das mais variadas culturas, evitando o uso da abordagem eurocêntrica nas pesquisas

desenvolvidas. Integravam o grupo Jean Duvignaud, Chérif Khzanadar, Jean-Marie Pradier e demais pesquisadores (BIÃO:1996).

- 10 A etnocenologia chega ao Brasil com o professor Armindo Bião, a partir do Grupo Interdisciplinar de Pesquisa e Extensão em Contemporaneidade, Imaginário e Teatralidade, sediado na Universidade Federal da Bahia. Como um dos principais centros de difusão da etnocenologia no país, o Grupo referido inicia encontros, congressos, seminários para comunicar suas pesquisas no campo recém-criado.
- 11 Tal contexto facilitou o intercâmbio com outros espaços acadêmicos no Brasil, como foi o caso, de início, do Pará, Minas Gerais e Brasília, a partir da ida de professores egressos dos cursos de Artes e Teatro das IFES dessas localidades para cursar a pós-graduação em Artes Cênicas-UFBA, como mestrandos ou doutorandos, fato que marca o início das pesquisas em etnocenologia no Brasil. Desde então, etnocenologia é um campo atuante em muitas universidades brasileiras e fora delas também.
- 12 Como proposta epistemológica, a etnocenologia possibilita a criação de novos diálogos ao inserir a questão estética em suas incursões; isso justifica o afastamento de noções etnocêntricas, por não levarem em consideração a importância do outro e de seu contexto de elaboração. Neste caso, além do interesse pela alteridade, a etnocenologia prima pela valorização da produção estética dos fenômenos, por acreditar que
Sem alteridade não há estética, que é a capacidade humana que permite conhecer o outro por meio de si próprio. Não se sente o que existe completamente fora de si.
Sem forma não há relação, sem cotidiano não há extraordinário e sem coletivo não há pessoa (BIÃO: 1996, p.15)
- 13 A alteridade, um dos princípios basilares da etnocenologia, é uma necessidade, por possibilitar conhecimento e respeito pela existência do outro, sendo esse contato mediado pela fala do próprio sujeito, destacando suas dimensões enquanto sujeito histórico e cultural, relação esta que não é isenta de conflitos.
- 14 A etnocenologia parte do entendimento do corpo em sua dinâmica afetiva, longe da concepção dualista cartesiana a respeito do corpo e da mente, entendimento que pego emprestado como campo gerativo da noção do corpo brincante. E neste estudo, a partir de movimentações epistêmicas geradoras de outros modos de olhar a festa, crio a partir dos encontros que elaboro e experimento em São Marçal, provocando em minhas andanças a necessidade dar nome a essa prática, que nomeio de etnocaminhada.
- 15 A matéria de criação da etnocaminhada tem proximidade epistêmica e afetiva com a matriz de pensamento da etnocenologia, que, com sua abertura, expansão e contágios com outros saberes de mundo, movimenta a pesquisa como prática singular mais mole e permeável. O olhar etnocenológico mira o fenômeno em suas singularidades poéticas, que comunicam a partir da proximidade do pesquisador com a manifestação investigada. Parte significativa das reflexões se propõe a compreender as dinâmicas e seus contextos elaborativos, colocando em questão os modos de produzir estéticas a partir dos praticantes, o fenômeno espetacular.
- 16 A noção etnocaminhada convoca uma presença minha diferenciada, a qual dou o nome de etnocaminhante. A partir desse entendimento me coloco na condição de assumir meu corpo como proposição etnográfica. É onde inscrevo meu corpo para compreender e caminhar o percurso, a paragem e a paisagem festiva. Reivindicando meu corpo como grafia etno, uma partitura de escrita-corpo que começa a existir a partir da imersão errante, que é quando eu caminho e festejo nas dobras e bordas, que friccionam os modos de com-viver na festa.

Corpos Brincantes na Festa de São Marçal: suas estéticas e caminhadas partilhadas.

- 17 Corpo brincante, neste estudo, é uma proposição estético-política derivada de uma perspectiva transdisciplinar, noção que considera o modo como os praticantes se percebem e se autodenominam no bumba meu boi maranhense, termo bastante usual em outras manifestações espetaculares ocorridas no país. Seguindo essa linha de compreensão, o pesquisador cearense Oswald Barroso (2004: 85) contribui ao dizer que o brincante “rigorosamente, não se apresenta, nem representa, simplesmente, [...] brinca”.
- 18 Ainda que o trecho comente a relação potente dos brincantes com o universo lúdico e inventivo presente nas manifestações espetaculares. No entanto, essa compreensão do corpo que apenas brinca, limita questões importantes acerca desse estado festivo. Nesta escritura, não cabe um entendimento totalizante e idealizador do brincante. O corpo brincante não é homogêneo. Contudo, tem uma base comum de criação, trago a imagem de um rizoma como metáfora, para mostrar a força do entrelaçamento do cotidiano e os dias dedicados ao bumba meu boi na construção do corpo brincante.
- 19 Nas próximas linhas, apresentarei um pouco da estrutura cênica do Boi de matraca. Para isso, consultei a obra de Tácio Borrallho (2012) para a fundamentação teórica deste item, sobretudo no que diz respeito às características relacionadas ao Teatro do Boi, como ele convencionou chamar a partir de seu estudo acerca de alguns personagens presentes na brincadeira. Outra fonte utilizada foi o estudo de Tânia Ribeiro (2011) que discute e descreve de forma muito rica e cuidadosa as movimentações coreográficas dos brincantes no bumba meu boi. Vamos a eles:
- 20 Amo ou Dono da fazenda tem papel de destaque na brincadeira, pois faz alusão ao latifundiário, coronel, figura de grande prestígio na sociedade agrária.
- 21 Boi (brinquedo) é o ícone principal e indispensável da brincadeira. O boi é manipulado por uma pessoa que fica debaixo da saia do boi, conhecida por miolo do boi. Uma peculiaridade do Boi de Matraca se refere ao bailado do miolo, que se caracteriza por levantar alto o boi, de modo que o miolo fica visível ao público.



Figuras 01 e 02: À esquerda, o Amo do Boi e à direita, o boi e seu miolo (pessoa que anima o boneco).
Fonte: Danielle Souza, 2018.

- 22 Índias são descritas como “guerreiras de uma tribo próxima à fazenda” (BORRALHO: 2012, p.30). Sua função consiste em assegurar que Pai Francisco seja encontrado na mata. As índias encantam com sua dança, independentemente de ser coreografada ou feita de modo espontâneo, “a expressão corporal das índias é acentuada pela movimentação das pernas” (RIBEIRO: 2011, p.110).
- 23 A burrinha é considerada um boneco-máscara, por ser uma espécie de boneco de vestir (BORRALHO: 2012). O brincante é chamado também de miolo, vaqueiro especial ou homem da burrinha. A veste possui “uma cavidade no dorso, local em que será a sela, a qual permite ao brincante entrar na armação, apoiando, em seus ombros, um suspensório de cordas” (RIBEIRO: 2011, p. 128).



FIGURA 03: ÍNDIAS, THIAGO RAMOS 2019. FIGURA 04: BURRINHA, DANIELLE SOUZA, 2017.

- 24 Pai Francisco é visto com mais frequência nos sotaques de matraca e zabumba. É um trabalhador da fazenda de gado do Amo que é casado com Catirina, que está grávida. O Pai Francisco aparece como herói transgressor que dá o tom cômico à trama. A caracterização conta com o uso da máscara e, em alguns casos, de perucas. É visto, em algumas situações, usando um paletó e carrega consigo um enorme facão feito de papelão ou madeira.
- 25 Mãe Catirina é quem impulsiona o marido a cometer um crime em prol de um desejo: comer a língua do boi da fazenda. Ao lado do marido, fica rodeando o boi, esperando qualquer descuido dos protetores.



Figura 05: Pai Francisco e Catirina. Fonte: Danielle Souza, 2017.

- 26 Cabloco de fita ou rajado é conhecido como o homem de confiança do Amo. Sua indumentária é rica e pomposa, carregada de várias fitas coloridas dispostas no chapéu, de modo que algumas alcançam o chão. Alguns carregam o maracá, como o Amo, para alertá-lo de algum eventual incidente.
- 27 Cabloco de pena ou cabloco real é um personagem encontrado apenas nos Bois de Matraca, representando o índio, figura imponente do grupo. O cabloco é visto como defensor e protetor do boi e é o responsável pela captura de Pai Francisco. A predominância masculina se dá pela rigorosidade e peso da indumentária que chega a “oito e doze quilos” (RIBEIRO: 2011, p.115).

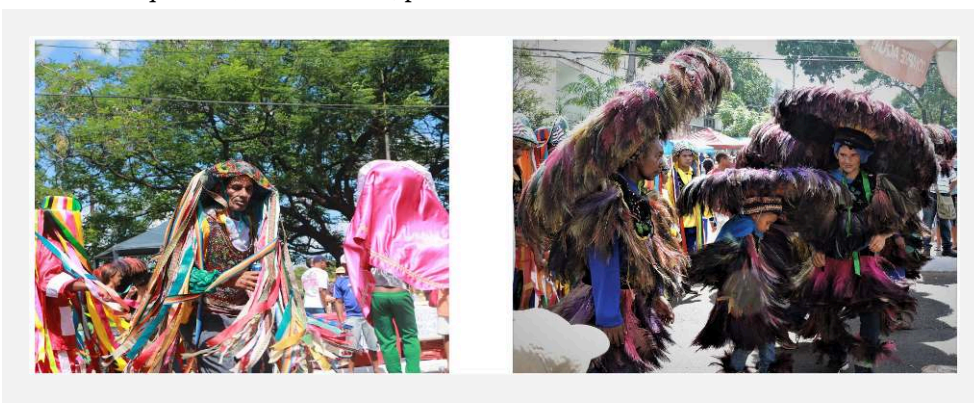


Figura 06: Cabloco de fita. Thiago Ramos, 2018. Figura 07: Cabloco de pena. Thiago Ramos, 2018.

- 28 Depois de uma rápida descrição feita, espero ter apresentado os estados e modos brincantes presentes na Avenida São Marçal, sobretudo o corpo que brinca e caminha inventivamente. No contexto da pesquisa, o nome evocado, corpo brincante, fala de um corpo potente que opera a partir do borramento do regime de tempo contemporâneo.

Para isso, o corpo brincante ativa a pressa e lentidão como coexistências, brincando com a elasticidade e densidade do tempo, gerando outras espessuras no espaço, abrindo o poro para as permeabilidades dos encontros.

- 29 O corpo brincante reúne uma pluralidade de corpos que se entrecruzam, encenando estéticas dos saberes e memória da rua a partir do contexto cultural festivo. É um corpo em estado de criação festiva constante, que vivencia múltiplos caminhos de geração de novos sentidos. É o ser festa em toda a sua potência. Corpos diversos como elemento detonador de outras sensibilidades caminhanteres que andam a partir de uma poética precária, de instabilidade, do cansaço, vibrações transitórias e operando outras formas de deslocamento.
- 30 Esse deslocamento é acompanhado de uma musicalidade característica, que dita a movência dos passos e embala a dança caminhada dos brincantes. E que são experimentadas pelo vendedor de bebida, pelo matraqueiro e por quem caminha na festa, inclusive por mim. Para falar desse contexto sonoro, abordarei aspectos da musicalidade presente na festa de São Marçal. 000000000
- 31 O Boi da Ilha ou de Matraca é assim chamado por ser oriundo da região metropolitana da Ilha de São Luís. A sonoridade advém dos instrumentos utilizados: as matracas, duas madeiras que batidas entre si produzem uma sonoridade peculiar, cujo uso é preponderante no referido sotaque; o tambor-onça, uma cuíca que produz um som grave; o maracá, chocalho grande que serve para marcar a entrada dos demais instrumentos; o pandeirão, que é um arco feito de madeira com cerca de um metro de diâmetro, coberto com pele de animal ou com material sintético; e um apito, utilizado pelo Amo para marcar o início e o fim da cantoria, ao entoar as músicas, chamadas de toadas. Com base nessa descrição, abaixo elenco mais detalhes sobre alguns instrumentos.
- 32 A matraca é um instrumento de percussão formado por dois pedaços de madeira, que são batidos entre si, gerando uma sonoridade marcante. Instrumento percussivo bastante presente em alguns grupos de bumba meu boi, durante a festa de São Marçal as matracas são mais vistas e tocadas, qualquer pessoa pode manuseá-la, de todos os tamanhos possíveis são elas que ornamentam a paisagem sonora da festa.
- 33 Quanto ao pandeirão, seu uso é mais restrito e não é qualquer pessoa que pode tocá-lo. Os cuidados com seu uso são os maiores possíveis. Apesar de sua opulência espacial e sonora, o pandeirão pode rasgar-se com muita facilidade, de modo que é preciso tocá-lo corretamente para não danificá-lo. Inclusive porque, dependendo do material utilizado em sua confecção, couro de animal ou sintético (alumínio ou nylon), o seu custo pode ser elevado. Talvez por isso a quantidade de tocadores seja menor, mas nada que atrapalhe a percussão e cadência dos Bois.



FIGURA 08: MATRACA. FONTE: DANIELLE SOUZA, 2017. FIGURA 09: PANDEIRÃO. FONTE: THIAGO RAMOS, 2018.

- 34 O som estridente e bem marcado dos pandeirões e matracas ecoando na Avenida São Marçal a cada ano com mais intensidade. A partir da minha prática caminhante na festa, compartilho, como exemplos, os corpos brincantes que encontro com suas vibrações pulsando o chão da festa. É com base na musicalidade festiva que os corpos são tragados a ritmar em diferentes direções e combinação de passos que unem caminhada, festa e fé.



Figura 10: Toque de chão que faz flutuar. Fonte: Thiago ramos, 2019.

- 35 Portanto, corpo brincante também é um termo que interroga, sem ponto de interrogação, os diversos modos inventados de experimentar a festa. Provoca intensidades, materializa os corpos em fluxos. Brincante puxa o movimento para si, mas não o restringe, convida e devolve, expande. É brincar entre, brincar com, brincar a partir e brincar em si.

Festejar e Caminhar: aspectos da f(e)sta e sua criação movente.

- 36 Este tópico deseja discutir questões ligadas à festa e suas influências nas dinâmicas urbanas, com intenção de compreender as tessituras que conectam espaços, tempos, pessoas e o compartilhamento de valores comuns, assim como de diferentes interesses entrelaçados na experiência articuladora da festa. Conjugando fé, diversão e devoção no território cambiante e híbrido, configurando um campo de estudo substancialmente potente.
- 37 O período junino maranhense é composto por uma temporada de festas com caráter diversificado. Festejar São João, São Pedro e São Marçal requer, por parte do grupo de Boi, uma preparação diferenciada para cada festa. A de São Marçal, por exemplo, exige, ou melhor, pressupõe uma movimentação de atravessar, como potência do ajuntamento que ocupa a rua.
- 38 Neste sentido, a rua em que a festa caminha destaca os tipos de sociabilidades dos corpos que se cruzam, se tocam e como reelaboram seus percursos afetivos a partir dos atravessamentos existentes na rota do fenômeno espetacular em questão.
- 39 Como já mencionado no início deste texto, a festa de São Marçal é uma celebração que acontece no espaço público. O acesso livre à festa, sem cordas ou outros impedimentos físicos, é praticado como gerador de energia para festejar, espaço de troca, da alteridade, contaminação e vivências, resultante dos processos relacionais também do encontro do corpo com outros corpos.



FIGURA 11: PASSAGENS. FONTE: DANIELLE SOUZA, 2017.

- 40 A Festa de São Marçal é uma manifestação cultural marcada pela diversidade religiosa. Mesclando na estrutura festiva, traços de cosmovisões distintas e suas formas celebrativas de manifestar a fé, essas dimensões do sagrado dialogam fortemente com aspectos profanos, gerando um campo movente de experiências que se entrecruzam, articulando um conjunto de saberes e fazeres indissociáveis, que a cada ano são renovados.
- 41 Em suas coexistências, o sagrado e o profano ordenam colaborações interessadas em promover homenagens a São Marçal, dos mais diversos estilos e formatos; são motivos devocionais que estruturam a festa, amplificando o respeito e feição pelo santo, exprimindo a dinâmica cultural de um grupo social específico.



Figura 12: Festejar com o santo. Fonte: Danielle Souza, 2018.

- 42 Ainda que a festa seja referenciada com o nome de um santo, é importante destacar que a manifestação carrega em sua estrutura ritualística a característica de uma festividade que busca, dentro de sua dimensão espetacular, a prática de festejar com o santo. Tecendo, assim, uma relação mais próxima com São Marçal, rompendo com a ideia de uma festa para o santo. As festas de santo espalhadas pelo país, em seus diversos formatos e intenções, destacam a pluralidade religiosa na sociedade contemporânea, com seus rituais complexos, demonstrando o dinamismo nas formas de festejar.
- 43 Conhecido popularmente como santo adotado pelas pessoas ligadas ao bumba meu boi, a figura de São Marçal é reverenciada como protetor dos brincantes, com muitos desejos envolvidos para pedir bençãos e proteção aos seus devotos. A figura de São Marçal mantém uma ligação estreita com a festa, como sua imagem é frequentemente atrelada ao encontro dos Bois, sendo referenciada, muitas vezes, até mesmo pela pesquisa, como denominação da festa. Fora o período junino, são raras as menções feitas ao santo. A hagiografia de São Marçal destaca informações escassas, mas pontuais ao seu respeito. Atesta o seu nome como Marcial de Limoges, nascido na Gália, antiga região francesa, no século III. A citação abaixo oferece mais referências de São Marçal, ao apontar que ele
- teria sido um dos 72 discípulos de Jesus Cristo, aquele que teria dado o pão para o milagre da multiplicação. Há o registro de um bispo da cidade de Limoges, na França, no martirologio romano, de nome Marcial. Para o arcebispo auxiliar de São Luís, D. Geraldo Dantas de Andrade, não há registro de canonização para Marçal, sendo um santo originado da fé popular (Junior apud Albernaz 2002: 53).
- 44 Ao que tudo indica, a devoção a São Marçal entrou pelas ruas do João Paulo com os Bois de matraca. Tal fato culminou em uma relação mais aproximada com o santo festejado,

botando para experimentação práticas litúrgicas incomuns, mas que colocam a festa como lugar de enunciação de sua fé, juntamente com a diversão.

- 45 Cabe lembrar, além disso, que a festa é praticada como reunião de grupos de bumba meu boi, advindos de várias partes da região metropolitana de São Luís, residindo, em sua maioria, em bairros periféricos, quando não, morando em áreas rurais. Essa cartografia social bumba meu boi, situa, em partes, as condições vividas pelos brincantes, cujo perfil é composto por pessoas de origem simples, que quase sempre trabalham em condições informais de trabalho. Essas pessoas se organizam de maneira muito intensa a cada etapa da vivência boieira, o que leva a crer que essas mobilizações são compreendidas como um “prolongamento de suas existências” (FONSÊCA, 2015: 22).
- 46 Na pesquisa caminhante que venho criando, interessa conhecer essas camadas do fenômeno espetacular, especialmente das pessoas que compõem e reelaboram a festa. Os comportamentos humanos espetaculares e organizados ocorridos na festa são expressões estéticas ricas por abrigar inumeráveis estados de festejar, de existir. Diante disso, a seguir, comento questões referentes às minhas etnocaminhadas a partir da imersão errante. Como um mergulho intensivo, pratico a imersão para tentar compreender as produções estéticas dentro do seu contexto cultural. Nessas deambulações, caminho encantada diante das ocorrências sensíveis, das partilhas experimentadas e das presenças em processo que transbordam na festa.

Imersão Errante: pistas, marcas e |a|notações de uma etnocaminhante.

- 47 A minha pesquisa se faz no e com o caminho, um caminhar que faz caminhos em diversos tempos e que vagueia por espaços de abertura metodológica. Movo-me nos desdobramentos possíveis por acreditar na possibilidade de outros percursos como articulação potente para o que venho me propondo: compreender a caminhada e os modos de existir na festa de São Marçal.
- 48 Antes de fazer o percurso de escrita mencionado, preciso destacar um pouco da paisagem cotidiana do bairro do João Paulo, para compreender como a festa modifica aspectos do desenho urbano do bairro. Em uma breve caminhada pela Avenida São Marçal é possível observar a variedade comercial do João Paulo, que dispõe de lojas de vestuário e móveis, sapatarias, farmácias, feira, lanchonetes e supermercados. Escolas públicas e particulares também compõem os dias do bairro. No que diz respeito à prestação de serviços, o bairro possui agências bancárias, cartório, posto dos Correios e delegacia de polícia.
- 49 No dia da festa, o comércio local e os bancos não abrem, dada a proximidade física com o evento. Apenas a feira livre do João Paulo funciona, por não ficar muito perto da dinâmica festiva e, também, devido a sua relevância na dinâmica espacial e econômica do bairro, participando indiretamente na realização da festa. Uma relação nutrida pelo desejo de ser e dar alimento. Além das vendas rotineiras e dos fregueses fixos, a festa movimenta a economia da feira, sobretudo pela venda de frutas, chapéus, matracas, bebidas, gerando lucro maior no final do mês para os feirantes.



Figuras 13 e 14: A festa da feira e a feira da festa. Fonte: Thiago Ramos, 2019.

- 50 Se existisse um inventário cultural do João Paulo, a feira livre e a Festa de São Marçal estariam na lista de bens material e imaterial, respectivamente, devido à importância na dinâmica do bairro. Tal fato contrariaria a opinião de alguns moradores, visto que ambas não são unanimidades no bairro, por razões distintas. Cabendo aqui apenas alargar, por questões temáticas, aspectos dos conflitos e negociações existentes entre os moradores do bairro e o evento.
- 51 A festa de São Marçal, como celebração pública, apresenta características comuns de sociabilidades de festas dessa natureza e formato. Situações de vulnerabilidades criadas a partir do excesso do consumo de bebidas, brigas, violência e roubo como fenômenos diversos que compõem o histórico da festa a cada ano. Outro ponto crítico é a sujeira e o mau cheiro que a Avenida São Marçal e suas ruas próximas mantêm durante e depois da festaⁱⁱ.
- 52 A primeira é causada pelo uso de copos plásticos descartáveis, garrafas, latinhas que são descartadas no chão, ainda que existam latas de lixo espalhadas pela avenida. Somado a isso, os vendedores ambulantes que precisam descartar a água acumulada de suas caixas de isopor, gerando um lamaçal na avenida, principalmente a partir da tarde, já que a concentração maior de pessoas ocorre no período vespertino e noturno. Já o segundo problema é estimulado pela presença de poucos banheiros químicos na extensão da festa, produzindo focos de fedor de urina na avenida, sobretudo a masculina. Esses contextos, que não são os únicos, acabam por gerar descontentamento entre alguns moradores, que pedem, a cada edição de São Marçal, um disciplinamento maior dos órgãos públicos na organização da festa.
- 53 Essa adversidade é um bom modo de ilustrar como a festa convive com as diferenças de olhares e práticas a respeito de sua existência, enquanto fenômeno cultural e importante para a temporada junina maranhense. Provocada pelo caminho potente da rua, compartilho, a partir de três etnocaminhadas realizadas – nos anos de 2017 a 2019ⁱⁱⁱ – a possibilidade de desenhar um mapa festivo. Não é um objeto-produto encerrado em si mesmo, mas um modo de pensar por. O intento é escrever, desenhar e capturar mapas de percursos a partir de algumas caminhadas praticadas, algumas delas evocadas da dissertação (FONSÊCA: 2015).
- 54 A imersão errante desenha mapas de percursos a partir de algumas caminhadas praticadas. Em que rascunho lugares de circulação e andamento na festa, como índices de partilhamento, usando as narrativas corporais dos brincantes como campo de experimentação, para além de uma descrição. Nisso, pratico um conjunto de incursões da pesquisa que sinaliza para outros movimentos em campo, que menciona, as fraturas

e borramentos, que dialogam entre si, como força poética manifestada em cada situação de disponibilidade do brincante, dos corpos em vias de composição.

- 55 Neste sentido, proponho a escritura de uma caminhografia festiva. A festa de São Marçal é apresentada a partir de três momentos escolhidos devido a sua estrutura cambiante, a saber: chegar na festa; a caminhada festiva e, por fim, a dispersão. Esses são os fluxos e refluxos da festa tomados como campo de compreensão do fenômeno. São circuitos-experimentos que atravessam e compõem os corpos caminhantes na festa, que propõem a forma de vivenciá-la, de como a festa se comunica e se faz espetacular.
- 56 O primeiro circuito-experimento, chegar na festa: dinâmicas de acessos, destaca as formas encontradas pelos brincantes para acessar a festa, sobretudo os caminhos percorridos a pé, carro, ônibus, moto e outras formas de deslocamento praticadas. Interessa aqui apresentar a transmutação da paisagem do bairro nas primeiras horas do dia 30 de junho, quando uma fila de carros de som já se posiciona na Avenida Guaxenduba, no Bairro de Fátima. Antes mesmo do nascer do dia, os carros de som estacionados demarcam a chegada dos grupos de Boi na festa. A disposição dos carros se realiza em sequência, um após o outro, formando uma tessitura importante que determina a entrada e circulação dos grupos de Boi.
- 57 No dia da festa, a Avenida Guaxenduba, próxima da Avenida São Marçal, se transforma em um grande corredor de apoio e organização, uma espécie de concentração, misturada com sala de espera, com quarto de dormir. Avenida larga, que recebe muito fluxos de carros nos demais dias do ano e importante via de ligação para o centro da cidade.



Figura 15: À esquerda, fila de carros de som na Avenida Guaxenduba. Fonte: Danielle Souza, 2018.
Figura 16: À direita, brincantes descansando. Fonte: Thiago Ramos, 2018.

- 58 Os grupos de Boi chegam na festa, de fato, a partir das cinco da manhã. Isto sugere que muitos brincantes comparecem ao evento com privação de sono, fome e embriaguez, condições coabitáveis que povoam a festa e que, por mais paradoxal que possa parecer, são elas que dão sustentação e força ao corpo caminhante. Os brincantes carregam em seus corpos marcas da fadiga pelas horas prolongadas de apresentação, provocando, em muitos corpos, cansaço e sonolência. Esse estado corporal afeta brincantes em níveis diferentes, mobilizando alternativas das mais diversas para aproveitar o tempo de espera.
- 59 A caminhada festiva é o segundo circuito-experimento. Nele, é onde a festa propriamente dita acontece. O corredor, entendido como ocupação errante, mede cerca de 400 metros e, na maioria das vezes, o percurso tem duração aproximada de três ou

quatro horas, por abrigar muitos caminhantes. A espacialidade da festa é apresentada abaixo.

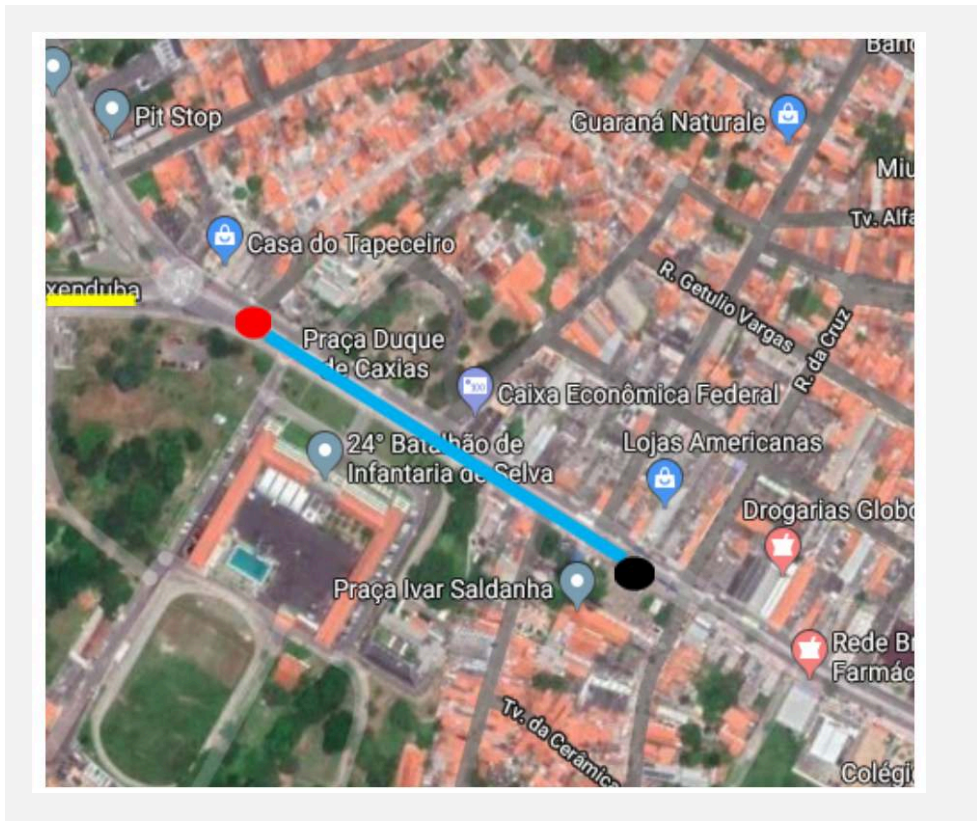


FIGURA 17: MAPA DA FESTA. FONTE: GOOGLE MAPS. 2020.

60

Tracejado Amarelo – Espaço de dispersão, onde ficam os carros de som.

Ponto Vermelho – Começo da caminhada festiva.

Tracejado Azul – Corredor, de aproximadamente 400 metros, da caminhada festiva.

Ponto Preto – Encerramento oficial da caminhada festiva.

- 61 O mapa mostrado acima, apesar de limitações no que tange à representação imagética, destaca aspectos da espacialidade da caminhada festiva. Esta localização ressalta as partes caminhantes e suas dinâmicas de deslocamento em que os caminhantes participam ativamente. Abaixo, trago um recorte do espaço vivido, experimentado, dançado e caminhado na festa.

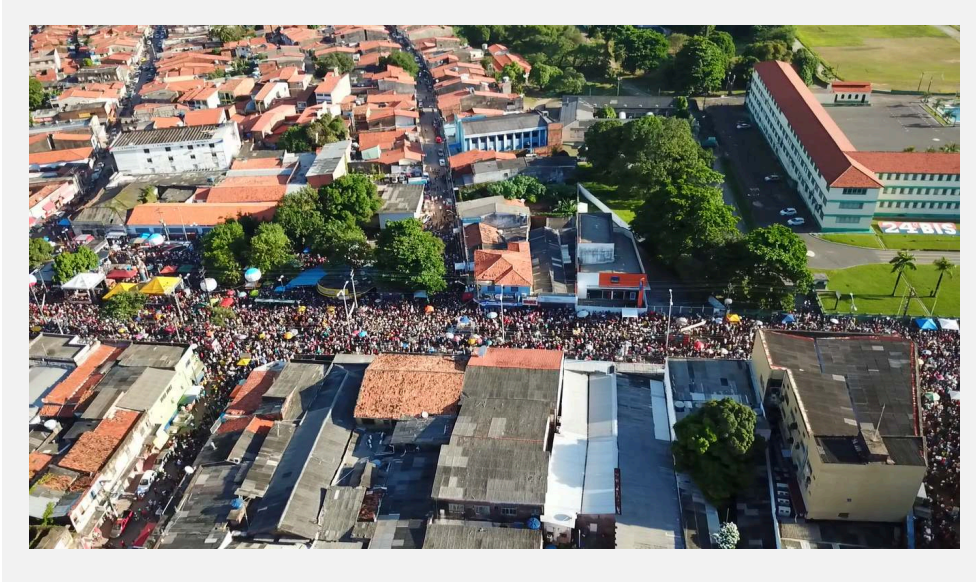


Figura 18: Vista área da caminhada festiva. Fonte: Danielle Souza, 2019.

- 62 A ocupação errante, vista de cima, mostra a frequência do encontro e como a dilatação festiva rasga a malha urbana a partir do deslocamento mínimo. Minúsculo devido ao ajuntamento dos corpos, amontoado de gente, tocando a pele do chão de forma devagar e amálgama, quase parando. Tem como efeito uma paisagem que a cada passada se transforma, anônima, atraída pela necessidade de movimento, que opera vagarosamente cortes no tempo.
- 63 Movimentar é criar em São Marçal. Remete ao jogo de estímulos instaurado que aciona as rupturas com os modos de viver no meio urbano. A própria caminhada festiva, a ocupação errante, tem como mote existencial a produção de estados de contato permeáveis com o ambiente. A caminhada carrega, como característica intrínseca, a dimensão exploratória.



FIGURA 19: CAMINHADA FESTIVA. FONTE: DANIELLE SOUZA, 2018.

- 64 A cartografia da festa se desenha da seguinte forma: cada grupo de bumba meu boi percorre, caminha, para, dança na avenida, acompanhado de um carro de som, equipado com microfones e demais aparatos sonoros.
- 65 A ação de tateio e descoberta que vai sendo acionada a cada vez que o caminhante pratica o passo. Com esse movimento, a caminhada consegue operar em si mesma sua reinvenção. Seguindo o fluxo caminhante, o próximo passo é acessar a continuidade, ou seja, o encadeamento de passos geradores do próximo circuito-experimento, que acrescentam à paisagem da festa a possibilidade de ampliar os modos de circulação e experiência festiva.
- 66 E, por último, a dispersão que chamo de fluxos dispersivos: outras dobras por vir, descreve as outras festas que alimentam a festa de São Marçal, localizadas nas transversais da avenida principal. O circuito-experimento pontua as outras dinâmicas festivas que garantem a continuidade do fenômeno espetacular, como um desdobramento elástico, intrinsecamente ligado à festa de São Marçal. Percebido como território cambiante não isento de contaminações, uma superfície aberta a acontecimentos.
- 67 Para exemplificar as festas dentro da festa, os eventos paralelos, em sua maioria, são festas de *reggae* com suas radiolas de som^{iv}, com estrutura que demanda uma preparação prévia e planejada de ambiência sonora, mobilizando nas encruzilhadas da Avenida São Marçal, notadamente nos bares das ruas paralelas, um conjunto de especificidades, com modos de organização particular, dentro de um tempo e espaço próprios. Recebe um público diversificado, gente vinda da Festa de São Marçal, como de pessoas que comparecem exclusivamente para dançar agarradinho^v.
- 68 Os três circuitos-experimentos mencionados falam de situações-moventes específicas da festa que, cabe mencionar aqui, a existência de outras formas de circulação que

interrogam as composições da festa. As três ações refletem os momentos de experiências compartilhadas e geradas a partir de seus entrelaçamentos que se tocam, vibram, se contraem e se afastam. São desvios das idas, vindas, paradas, movimentações precárias, circulações, trocas, aproximações, afastamentos, rotas de colisão e demais conexões não listadas, onde os caminhantes participam ativamente da inscrição de outros desenhos no mapa movente, alterando as linhas do espaço urbano do bairro do João Paulo.

Considerações finais

- 69 A festa de São Marçal apresenta uma paisagem imersiva potencialmente instigante, com inúmeras possibilidades investigativas que habitam as curvas, encruzilhadas e o chão poroso do João Paulo. Escolhi algumas infiltrações e superfícies contaminantes para ativar o pensamento acerca da caminhada e dos modos de existência a partir da festa. Neste sentido, a imagem da infiltração e superfície aciona a composição de outros saberes praticados no arruamento, instaurando poéticas caminhantes com suas visualidades moventes.
- 70 Diante da ambiência festiva, procurei discutir acerca das existências que caminham em São Marçal, apresentando também algumas situações vividas e experiências compartilhadas no território afetivo-movente. Intencionei contribuir, a partir da etnocaminhada, nas práticas investigativas que interrogam outros sentidos de mundo, sobretudo do entendimento das espetacularidades festivas que ocupam a rua. Trazendo para a escritura aspectos das estratégias e microrresistências geradas na travessia da Avenida São Marçal.
- 71 A partir da imersão errante, meu estar e ser festivo, busquei ativar movimentos de pesquisa que ajudassem a compreender como a caminhada aciona modos inventivos de existir, sobretudo como os corpos brincantes experimentam as camadas da cidade a partir das fricções e deslizamentos, tornando a paisagem festiva um espaço de trocas afetivas, criação nômade e geração de outros mundos possíveis. Portanto, as circulações inventivas são expressões que apontam os trânsitos de trocas, ajuntamentos, quer dizer, indicam as formas de vivenciar a experiência urbana de outra maneira.
- 72 Paro, por hora, sem pretensões conclusivas, lançando a possibilidade de uma pausa na conversa, que sua finalização. Ao colocar as questões acima vejo um pouco da incompletude de algumas proposições, mas entendo que a processualidade evoca esse estado. Os rastros, ruídos e sobras que mencionei nesta escrita são pontos importantes, pois são eles que movem e intensificam a pesquisa. No mais, a caminhada continua, apesar de uma pequena parada agora, pois o momento pede que eu perceba um pouco da paisagem, paragem e passagem que venho experimentando. Até mais!

BIBLIOGRAFIA

- ALBERNAZ, Lady Selma. 2004. O “urrou” do boi em Atenas: instituições, experiências culturais e identidade no Maranhão. Tese de doutorado em Antropologia. Universidade Estadual de Campinas, São Paulo.
- BARROSO, Oswaldo. 2004. Incorporação e memória na performance do ator brincante. In: Patrimônio imaterial, performance cultural e (re) tradicionalização. Teixeira, João Gabriel L.C., et al (org.). Brasília: Editora UnB. pp 68-87.
- BIÃO, Armindo. Estética Performática e Cotidiano. In: TEIXEIRA, J. (org.), Performance & Sociedade. Brasília: TRANSE/UNB, 1996.
- _____. Etnocenologia e a cena baiana: textos reunidos. Salvador: P&A Editora, 2009.
- BORRALHO, Tácito Freire. O Teatro do Boi. Tese (Doutorado em Artes Cênicas) Universidade de São Paulo, 2012.
- BRÍGIDA, Miguel Santa. 2016. Etnocorpografias dos terreiros afro-amazônicos: imersões metodológicas da Etnocenologia. Anais da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas. v. 17, n. 1, pp 2140-2163.
- FONSÊCA, Danielle de Jesus de Souza Fonsêca. 2015. Tem mascarado na festa de São Marçal: o brincante de Pai Francisco no bumba meu boi em São Luís, MA. Dissertação de mestrado em Arte Contemporânea. Universidade de Brasília. Brasília: IDA-UnB.
- RIBEIRO, Tânia Cristina Costa/IPHAN. Bumba meu boi: som e movimento. São Luís: Iphan/MA, 2011.

NOTAS DE FIM

- i. Desde 2006, por meio da Lei Municipal nº 4.487/2005, a via recebe o nome de Avenida São Marçal.
- ii. Os agentes da limpeza pública municipal têm se esforçado em higienizar o trajeto da festa minutos depois de seu encerramento, fato que ocorre na madrugada do primeiro dia do mês de agosto
- iii. É importante mencionar que, a partir do contexto pandêmico instaurado pela Covid-19, a festa de São Marçal em 2020, devido aos protocolos sanitários foi realizada em edição virtual, em formato de *live*.
- iv. É uma aparelhagem de som usada nos clubes de reggae. É muito comum as radiolas participarem de festejos de santos espalhados pelo estado.
- v. Expressão característica do universo regueiro, faz referência ao modo maranhense de dançar *reggae*.

RESUMOS

O texto busca promover um diálogo sobre a poética do corpo caminhante presente na Festa de São Marçal ou Encontro dos Bois, como também é conhecida a festa que acontece anualmente no dia 30 de junho, no bairro do João Paulo, em São Luís – MA. O deslocamento, apesar de possuir um

trajeto retilíneo, característico da configuração festiva do bairro, apresenta muitas curvas e encruzilhadas inventivas, poéticas, espetaculares e imagéticas, (des)mobilizando diversos territórios simbólicos que serão ressaltados nesta caminhada etnocenológica. A discussão que se pretende realizar é pensar como a caminhada reinventa modos de produzir existências, sobretudo como os corpos experimentam a cidade e atravessam as camadas densas e tensas, tornando a paisagem festiva um espaço de trocas afetivas e criação nômade.

The text aims to promote a dialogue about the poetics of the walking body present at the Feast of St. Martial or Oxen Gathering, as is also known the festivity that happens annually on the 30th day of June, in the neighborhood of João Paulo, in São Luís - MA. The displacement, in spite of having a straight route, characteristic of the festive configuration of the neighborhood, has a great deal of inventive, poetic, dramatic and imagetic curves and crossroads, (de)mobilizing various symbolic territories, which will be highlighted in this ethnoscenological walk. We intend to raise the discussion on how the walk reinvents ways to create existences, especially regarding the way the bodies experience the city and trespass its dense and tense layers, turning the festive landscape into a place for exchange and nomadic creation.

ÍNDICE

Keywords: ethnowalking, feast of saint martial, playful body

Palavras-chave: etnocaminhada, festa de são marçal, corpo brincante

AUTOR

DANIELLE DE JESUS DE SOUZA FONSÊCA

Doutoranda em Arte pela Universidade Federal do Pará - UFPA.

Secretaria Estadual de Educação/ MA.

E-mail : daniellejfonseca@yahoo.com.br

ORCID : <https://orcid.org/0000-0001-9023-6866>